

Entrevista com Maria Elena Oliveira Santos, 26/01/2020

Local da entrevista: Sua residência no Cruzeiro em Vila Operaria.

Entrevistadores: Débora Oliveira e Luciane Chagas Brasil.

Vídeo e áudio: a confirmar os nomes

Luciane Chagas Brasil: Gravação Maria Elena, take 1!

Débora Oliveira: Então Dona Maria Elena antes de qualquer coisa a gente quer agradecer né...

Maria Elena Oliveira Santos: Pois não...

DO: Pela senhora ter nos recebido aqui, a gente acha importante antes de começar, a saber, sobre a história de a sua vida agradecer por ter recebido a gente aqui com tanto carinho e com tanta atenção.

MEOS:De nada!

DO: A senhora tem 68 anos de idade né

MEOS:Isso!

DO: Eu queria que a senhora contasse um pouco sobre a sua família. De onde eram os seus pais?

MEOS:De Sergipe Aracajú meu pai e minha mãe.

DO: E como eles se conheceram?

MEOS:Lá mesmo!

DO:E como eles foram morar na Vila da Penha?

MEOS:Ai eu não sei porque eu era muito criança, ele veio para cá de lá ele saiu pra trabalhar, ele marítimo mas ele não tinha muito estudo, ai ele saiu de lá muito rápido. Então,nós não tínhamos aonde morar nós fomos morar na casa dele lá na 14 de Julho que é aqui na Vila São Luís né, ai nós moramos lá e depois ele conseguiu comprar esse terreno que ele até comprou dois mais não teve como pagar os dois, dai ele ficou com esse aqui , ai construiu um barraco e nós ficamos morando no barraco, ai minha irmã

mais velha veio de lá com 5 meses parece, ai ela me falou que ela veio para cá com 5 anos então depois que o meu pai comprou isso aqui ele fez um barraco nós ficamos morando aqui, e aqui nós ficamos até hoje...

DO:Então não teve casa alugada? Foi casa própria?

MEOS:É, foi casa própria, porque ele alugou lá na Penha, mas eu não lembro porque foi tão pouco tempo né, nós fomos morar lá no meu tio porque ele não podia pagar, dai ele começou a trabalhar foi quando ele comprou esse terreno, e começou a construir de vagar e tudo né, ai nós morávamos lá na casa do meu tio que era casa dele...

DO:E quantos anos a senhora tinha mais ou menos?

MEOS:Ah, naquela foto que eu te amostrei ali eu deveria ter uns 5 anos, uns 5 anos que eu tinha ali naquela foto...

DO:E ai a senhora disse que lá era alugado ai ele trabalhou para comprar aqui, certo?

MEOS:Isso!

DO:Ai a senhora poderia contar um pouco de como foi essa vinda de lá para cá? O que a senhora lembra...

MEOS:Ah, eu lembro muito pouco lá eu sei que a minha irmã eles moravam em um lugar aonde enchia muito, ela caiu até no Riozinho que tinha lá essa minha irmã... Ai é muita pouca coisa, eu não sou muito de lembrar das coisas...

DO:E porque a sua família veio para cá? O seu pai...

MEOS:Eu acho que por causa de trabalho, para trabalhar aqui...

DO:Para a Vila Operária também foi por quê?

MEOS:Não também, foi porque ele saiu de lá para viver a vida aqui né, e naturalmente ele foi trabalhar lá na marinha o meu tio ficou mais ele não ficou, então ele trabalhava como servente entendeu, ai ele ficou trabalhando ficou um tempo trabalhando na feira, vendendo as coisas na feira aqui porque ele não tinha condições, não tinha estudo...

DO:E como ele ficou sabendo da existência da Vila Operária?

MEOS: Não, a Vila Operária veio depois de muito tempo, aqui quem deu esse terreno aqui foi o falecido seu Barbosa ele tinha uma sede aqui que ele se candidatou como vereador, então ele deu esses terrenos para as pessoas entendeu? Aqui não é Villa Operária, Vila Operária é na parte de lá, aqui não é. Então ele começou a dar os terrenos então ai que começou que se criou a Vila Operária

DO: E o que é aparte de lá? E aqui é o que?

Maria Elena: Aqui é Parque Felicidade

DO: Ah tá!

MEOS: É parque Felicidade

DO: E teve intervenções dele também?

MEOS: Não! Aqui o terreno é comprado o meu pai tem tudo direitinho ali, agora lá ele deu o terreno só que depois as pessoas começaram a legalizar, tem pessoas ai que são legalizadas né, então foi ele que deu esse terreno, quando eu vim para cá nem pensava em ter Vila Operária.

DO: E como é que seu pai foi se estabelecendo aqui? Assim com o tempo...

MEOS: Ah, ele vendia bala, ele fazia bala em casa ai a gente apanhava lenha né para ele poder fazer bala, porque a gente não tinha luz não tínhamos nada, isso aqui era só barro ai ele ajudava a gente fazendo bala...

DO: E a senhora gostava de ajudar?

MEOS: Gostava né, a gente tinha a obrigação de ajudar ai pegava lenha ia comprar açúcar, tinha que comprar açúcar cristal e manteiga tudo, porque o que ele vendia era o que ele apurava para comprar outras mercadorias, outros produtos para ele poder trabalhar né, ai saia essas briochinhas que antigamente tinha muitas briochinhas né e vendia a balas eu não sei se vocês chegaram a conhecer umas balinhas que são iguais uns travesseirinhos que vinham em um, tem lugares que ainda tem, fazia um travesseiro assim e elas eram todas listradinhas assim, tinha azul, rosa entendeu, eu me lembro como ele fazia, ele fazia aquela calda de açúcar depois ele colocava em uma pedra, passava manteiga e colocava em uma pedra, ele mesmo trouxe de Aracaju uma maquina que até hoje eu me arrependo de não ter guardado essa maquinazinha, porque a gente não tinha

espaço não tinha nada, então tudo ia e estragando, mas ele sustentava a gente com uma maquinazinha que ele trouxe de Aracaju, era igual essas serra de colocar em terra para serra as coisas, a parte de baixo era assim e a outra era assim , ai ele colocava um cabo de vassoura assim na porta ai quando o açúcar ia esfriando ele colocava o açúcar ali e uma puxando, puxando e puxando ai ficava branquinha da cor desse papel, quando ficava da cor desse papel ele colocava uma anilina ai que ficava rosa, ficava verde, ficava azul, ai ele ajuntava tudo aquilo fazia um canudo só, igual você vai fazer um nhoque, ele colocava aquilo e ia puxando, puxando e puxando, ai ficava branquinho dai ele colocava a cor, depois ele ia puxando aquelas varetinhas e varetinhas ai colocava em uma pedra que se chama talco né, talco de confeitoiro, colocava aquilo e então ele pegava aquelas tripinhas igual nhoque, botava ali e já caia no negocio pagava por esse talquinho né, dai eles separavam uma por uma e colocava nos potes assim para vender...

DO: A senhora saberia fazer essas balinhas?

MEOS:De jeito nenhum (risos)

DO: A senhora lembra tão bem assim (risos)

MEOS:Eu lembro porque eu sou uma pessoa assim, coisas que marcam muita a minha vida eu não esqueço, mas as outras coisas assim eu não lembro, eu lembro que a gente morava lá em baixo no barraco e ele fazia lá em baixo as balas...

DO: Além dessa lembrança da sua infância quais as outras que a senhora tem?

MEOS:Ah, muito importante eu não tenho não, porque eu comecei a ser responsável muito cedo né, porque eu fui trabalhar muito cedo, ai eu me lembro aqui das pessoas, nós não tínhamos água né, as pessoas pegavam muitas águas aqui no meu poço entendeu? Fazia fila porque isso aqui sempre foi problema de água, agora melhorou graças a Deus, também dessa praça que não tinha nada, depois eles fizeram essa praça, fizeram a igreja e também eu não tive muito tempo de curtia porque logo isso aqui não era dado para fazer uma igreja, dai eles tiraram a igreja... Então a gente não tinha divertimento nenhum (risos)

LCB: A senhora lembra qual é a época dessa igreja?

MEOS:Olha aonde eu fui trabalhar eu estava com 14 anos como eu te falei na lanchonete, de 13 para 14 anos... Não! De 17 anos, 17 anos eu fui trabalhar na

lanchonete então nesse período tinha a igreja, então a gente pode fazer uma conta eu estava com 17 anos, hoje eu estou com 68, então tem 53? 53 com 17?

DO: Dá 43

MEOS:Então têm uns 43 anos atrás, porque 43 com 17.

LCB: 43 com 53

Maria Elena:Olha eu estava com 17 anos, hoje eu estou com 68, então 17... É 41 não? Vê se dá 41

LCB: 51

MEOS:51 o ano em que eu nasci (risos)

DO: (risos)

MEOS:É em 51 tinha a igreja que ficou pouco tempo, porque eu lembro que eu já trabalhava ai com meus colegas entendeu? Eu me lembro de que um colega meu, ele falou assim para um rapazinho que queria me namorar, porque meu pai não deixava a gente se comunicar com muita gente né aquilo tudo, ele falava assim “tadinha tão metida, mas trabalha em lanchonete” (risos) Ai quer dizer essas coisas eu gravo, então eu tenho uma noção do tempo...

LCB: A senhora lembra o nome da igreja?

MEOS:Não...

LCB: Lembra como era por fora? Se era de barro...

MEOS:Era toda de madeira!

LCB: E o nome da praça?

MEOS:Essa praça se chama praça do cruzeiro, porque como tinha o cruzeiro e de tanto que começou a cair o cruzeiro eles tiraram o cruzeiro e colocaram ali em baixo, você vê que tem uma cruz ali em baixo então arrebentaram essa com medo de cair e dá algum problema, então foi e fez ali então é dada como a praça do cruzeiro que se chama até hoje...

DO: A senhora não se lembra de nenhuma brincadeira que a senhora brincava...

MEOS:Ah eu brincava! Eu brincava muito, eu brincava de pique, de roda, de amarelinha, de pedrinha de jogar, até pipa eu jogava, eu soltava.

DO: A senhora brincava com a vizinhança?

MEOS:Sim, era aqui, aqui na frente mesmo...

DO: Depois passado essa fase da infância, como a senhora desenvolveu a sua vida aqui? A parti assim da adolescência em diante como foi sendo a sua vida?

MEOS:Foi sendo trabalho...

DO: Se resume em trabalho?

MEOS:Se resume em trabalho, porque eu estudei até a 4º serie eu tenho o meu diploma porque eu fiz uma prova e consegui passar, mas dai para lá só foi trabalho com 17 anos eu já assumi a minha carteira, meu pai era alcoólatra... Ai eu (inaudível)

DO: Problemas técnicos! (risos)

MEOS:Sabia que está pingando lá longe?

DO: Mas o céu está tão limpinho

MEOS:Pois é, mas estão vindos uns pinguinhos de vez enquanto.

DO: Ah, agora não Deus!

MEOS:É mais não vai não, não vai! Mas deu chuva mesmo para hoje, mas já está pingando mesmo.

DO: É?

MEOS:Tá! Deu chuva

LCB:Pode continuar!

DO: Dai à senhora trabalhou né? Desde muito cedo da sua adolescencia até hoje

MEOS:É

DO: Agora a gente vai falar um pouco mais sobre a Vila Operária. O que a senhora sempre ouviu dizer sobre a história daqui? Coisas que as pessoas falam...

MEOS: As pessoas que falam que é um lugar ruim, mas eu não acho, eu acho que das favelas a melhor é a daqui.

DO: Por quê?

MEOS: Porque você vê o que acontece nas outras, e você não vê tanta coisa acontecer aqui né, tem gente que sai daqui e até volta “ah, eu vou sair daqui, porque aqui é ruim” mas eu não considero aqui um lugar ruim não entendeu?

DO: A senhora falou que o seu Barbosa foi (interrupção)

MEOS: Foi o que deu os terrenos!

DO: Foi o que deu os terrenos?

MEOS: Foi o que deu os terrenos

DO: A senhora escuta isso de outras pessoas também? Que a Vila Operária surgiu a partir disso? As outras pessoas falam também nisso?

MEOS: Não, não falam eles sabem!

DO: Aham...

MEOS: Todos que moram aqui sabem que foi o seu Barbosa que deu o terreno para eles, ele mora ali na sede, já morreu há bastantes anos né, depois a esposa dele eu esqueci até o nome dela da esposa dele, morava lá aonde tem o Colégio, sabe o colégio? De Barbosa lá em baixo? Então ela morou ali

DO: E a senhora poderia falar um pouquinho da história daqui da sua casa? Ou da sua vizinhança, da rua, daqui onde a gente está.

MEOS: Eu não tenho o que dizer não nada não, porque problemas tem em todos os lugares né, mas só que o ambiente é nós que fazemos né, então se você faz um bom ambiente você tem bons vizinhos né...

DO: E qual é o envolvimento da sua família com a construção da Vila Operária? Tem algum envolvimento ou não tem?

MEOS: Não, tem envolvimento nenhum...

DO: Seu pai ou alguém próximo?

MEOS: Não, não, não tem.

LCB: Vocês tiveram contato com o seu Barbosa?

MEOS: Claro!

LCB: E como era essa convivência?

MEOS: Era boa! Ele gostava muito do meu pai, se eu te falar esse meu irmão, ele tem uma cicatriz aqui que nós pegávamos água lá da mina né, porque não tínhamos água, pegava lá no poço se chamava Poço do Cavalo, então o poço não era fundo, mas ele tinha manilha, então meu irmão devia ter uns 6, 7 anos eu não sei por que não lembro bem, ele caiu naquele poço, só que nesse período o seu Barbosa tinha colocado uma ambulância que era para comunidade né, ai foi o meu irmão que inaugurou a ambulância do Barbosa, ele que inaugurou.

DO: Interessante!

MEOS: Ele tem aqui, a gente fala que ele até ganhou na loteria porque foram 13 pontos que ele levou aqui, tem marca caindo lá ele estava puxando água, puxando não porque era caçamba né, quando ele estava tirando a caçamba porque o poço era rasilho a garotinha veio correndo, e ali era molhado ele escorregou tadinha bateu nele e ele caiu lá dentro, e como tinha duas manilhas ele cortou que quase morre que vai à fonte como fala né, quase que ele morre e foi à ambulância do seu Barbosa que levou ele...

LCB: Seu Barbosa que levou ou outra pessoa?

MEOS: Não, não eu acho que era o motorista da época, eu não sei se era o Kaká, porque o Kaká morou muitos anos ai também, já é falecido também, ai ele tinha os motoristas da ambulância né, ai graças a Deus não aconteceu nada sério com o meu irmão ficou bom, então quer dizer a gente agradece né...

DO: E a sua família fez parte da associação dos moradores?

MEOS: Olha deve ter feito, mas só que eu era nova né porque se tinha alguma coisa para pagar assim antigamente eu já nem lembro, não lembro, mas todo mundo aqui fazia

parte né, porque foi ele que deu os terrenos, o seu Barbosa conhecia o meu pai de Aracaju que eu estudei até no colégio que ele colocou no coléginho ali, no colégio dele, mas era muito levada, muito levada, eu não aprendia nada, ai a minha mãe foi e me pagou, eu nem sei se posso ficar falando essas coisas que acontece quando a gente é nova e tudo que briga no colégio (risos)

LCB: A senhora pode falar o que a senhora quiser

MEOS:Então eu vou te falar por que eu falo demais né, então de repente...

LCB: Pode falar!

MEOS:Então eu briguei no colégio com um coleguinha ai a minha professora veio separar a gente, mas ela não conseguiu porque eu peguei no moleque ele era magrinho e eu era magrinha também, ele era magrinho, mas eu não sei de aonde eu tinha força, ai ela foi lá à sede chamar o seu Barbosa só que foi cedo, foi logo que eu cheguei com um brinquedinho meu e ele botou a mão pegou e eu não queria, amostrei para quem eu queria, mas não queria que ele pegasse, ai foi chamar o seu Barbosa ai o seu Barbosa chegou e mandou cada um para a sua casa, ai falaram para a minha mãe que ele tinha me expulsado do colégio, ai a minha mãe foi lá e tudo porque a primeira reclamação a segunda e a terceira que expulsa, ai ele falou assim “Dona Carmem” eu me lembro como se fosse hoje “Dona Carmem eu não expulsee nenhum dos dois, eu não tinha nem feito a minha higiene matina e foram me chamar que tinha dois alunos atrapalhados, eu vim e mandei cada um para a sua casa” ai pronto, mas ai depois a minha mãe via que eu não aprendia, não aprendia nada ai ele pagou uma gaúcha que dava aula perto da Paulista aqui, ai foi que eu aprendi eu estudei até a 4° serie, eu só tirei meu certificado do primário porque eu fiz uma prova e passei depois que eu fui trabalhar na lanchonete que ai naquela época eu precisava né, ai eu sei que o seu Barbosa não, ele gostava muito do meu pai e meu pai gostava muito deles.

LCB: Eles eram de Aracajú é isso?

MEOS:Conheceu o meu pai eu acho que em Aracajú, depois ele veio para cá né e veio e se meteu nesse negocio de politica ai quis ser vereador, ai ele foi fazendo as coisas aqui né...

DO: Que coincidência né eles se conhecerem lá...

MEOS:É, ai a minha mãe gostava muito dele o meu pai também seu Barbosa, eu só não me lembro do nome da esposa dele, não consigo lembrar... Não sei nem quem morreu primeiro se foi ele ou se foi ela, mas é isso...

DO: E o que a senhora acha a sua impressão né com a associação de moradores durante todos esses anos?

MEOS:Eu nunca me envolvi muito porque a associação de moradores de lá né, de lá porque aqui quando vai ter prefeito à gente vota e tudo né, mas de lá a gente nunca se envolveu muito não.

DO: Não abe muita coisa?

MEOS:Não, não sei...

LCB: Mas desse lugar aqui então tem associação de moradores?

MEOS:Não, não é tudo um só, é tudo lá é um só, a associação de moradores engloba lá e aqui né, porque nós moramos aqui só que quando nós viemos, você que antigamente quando vieram as conas vinham Parque Felicidade, hoje em dia eles colocam Vila Operária, mas sempre foi Parque Felicidade, nunca foi Vila Operária porque muito antes de surgir Vila Operária existia o Parque Felicidade né, ai depois que teve a Vila Operária mas vem correspondência como Vila Operária...

LCB: Hoje então?

MEOS:É hoje em dia vem, ai as pessoas falam assim “ah, mas aqui não é Vila Operária”, mas a gente mora praticamente na Vila Operária, as pessoas tem uma restrição né “ah, porque eu não moro na Vila Operária” o a diferença, eu pegava água na Vila Operária peguei muito água já, o meu pai ia pegar água era meio noite uma hora porque o pessoal já tinha enchido tudo e às vezes ele chegava lá e não tinha água, tinha que esperar minar, eu me lembro de que eu colocava uma folhinha em uma mina que tinha ali que quando desce por aqui tinha uma mina, ai agente pegava uma folha grande e botava a lata e ficava em baixo e pegávamos aquela água minada na lata, e demorávamos nós ficávamos no barraco lá porque nós éramos pequenas eu e minha irmã, e aqui era cerca muitas vezes meu pai falava “Vocês não saiam na hora que eu for pegar água” porque era onze horas e meia noite que ele chegava do trabalho né e esperava minimizar lá para poder pegar, ai eu me lembro que uma vez a minha irmã

tinha mania de sair e uma vez minha filha o meu pai tinha muita planta, e aqui tinha mato também né, ai ele regava as plantinhas com regador ai uma vez de lá de baixo a minha irmã viu o meu pai regando aqui, mas não era o meu pai ai ela entrou a gente colocou o monte de cadeiras com medo né, ai colocou as cadeiras na porta e depois de muito tempo que meu pai chegou, ai o meu pai disse assim ele viu né que a gente tinha aberto a porta ai ele falou assim “Mas eu não cheguei, eu estou chegando agora” nunca mais ela abriu a porta, não sei ela viu isso na cabeça dela e viu o meu pai entrando, ate hoje ela não sabe, mas eu me lembro disso eu era criança mas era só eu e ela na época ai ela via o meu pai regando a planta ai, mas não era ele...

DO: Estranho...

MEOS:É...

DO: E porque a senhora acha que as pessoas fazem essa diferença entre o Parque Felicidade e a Vila Operária?

MEOS:É porque a pessoa não quer dizer que mora na Vila Operária, eu só posso crer que é isso e muita gente fala “ah, mas eu não moro na Vila Operária”, mas eu ué que diferença faz a Vila Operária está aqui e você está aqui que diferença faz?

DO: Diferença de ruas né...

MEOS:Só se for, é de ruas...

DO: A senhora tem lembranças assim desde quando era criança e até hoje em dia a atuação do governo, por exemplo, aqui, atuando de alguma forma?

MEOS:Ah, muito fraco (risos) muito fraco, essa linha de ônibus que eu pego aqui quando começou aqui eu não sei o ano que começou, mas era mais ou menos na época que eu comecei a trabalhar mais ou menos, não teve melhora nenhuma, piorou...

DO: Desde quando criança!

MEOS:Isso! Piorou, porque antigamente tinha três ônibus na linha, hoje em dia hoje só tem um, durante a semana são dois, sábado e domingo é um ônibus na linha que melhora teve?

DO: E demora a passar?

MEOS:De uma e uma hora, como é que em um lugar desse eu fico no centro de Caxias eu vejo ônibus passando passa dez ônibus que vai ali para, ai meu Deus do céu, que vai ali para aonde tem a igreja de São Jorge, dez ônibus, onze ônibus para passar os vinte cinco...

DO: E aqui mora muita gente deveria ter né...

MEOS:Justamente! Houve época de ter Kombi, hoje em dia tem os carrinhos né, você não sabe por que você não mora aqui, mas deve saber, tem os carrinhos que pega a gente aqui em Caxias e cobra o preço do ônibus.

DO: Seria o Uber?

MEOS:Não, não é Uber não, são meninos que moram aqui que conseguiram comprar um carrinho e fica trabalhando, trazendo a gente por \$4 o preço do ônibus, eu tenho vale idoso, mas sexta feira eu não utilizo porque eu não foi ficar esperando um hora o vinte e cinco, se ele passa agora sete horas da noite ele só vai passar oito, então eu vou gastar os meus \$4 que eu vou com o carrinhos, eles deixam a gente aqui

DO: E é o valor do ônibus?

MEOS:É o valor do ônibus! É tipo um Uber né porque ele pega quatro pessoas né, mas é um absurdo, absurdo!

DO: E o que amis assim que não tenha tido nenhuma melhora, além do transporte?

MEOS:ah...

DO: A água, por exemplo, que era difícil.

MEOS:Melhorou, melhorou porque era horrível!

DO: E a luz?

MEOS:A luz não, eu coloquei a luz quando eu estava trabalhando eu acho que no Café Pelé que eu coloquei luz aqui na minha casa...

DO: E a saúde?

MEOS:Saúde minha filha, tem esse postinho aqui em baixo né, tem esse aqui da União de Álcali, mas que não são lá essas grandes coisas não...

DO: Mas dá para atender em uma emergência assim?

MEOS: Ah, não dá não! Não dá não, só se vocês estiverem assim se você for fazer um tratamento que eu não sei o nome, por que eu já não uso eu utilizo lá no Meier porque como eu praticamente moro lá, a minha patroa me dá a conta de luz dela e eu faço meu tratamento no Upa lá do Meier, porque aqui tem lá o Sase mas é pago né, aqui tem esse posto aqui mas você vai as vezes, é só para dizer que tem e você ser atendido, para dizer para mim que tens médicos bons, eu não posso dizer o que tem e o que não tem, porque eu não utilizo e teve um período da minha vida que minha irmã trabalhou na Unimed e ela pagou Unimed para mim entendeu, só que quando ela saiu ela não pode mais pagar, e eu também não tenho meu salário não dá para pagar... Ai às vezes eu vou ali ao Sase, ai fazia um exame ai pedia um endoscopia, mas ai você tentava correr atrás de uma endoscopia para não pagar às vezes não conseguia entendeu, já fiz umas e eu paguei, eu mesma paguei em dinheiro uma eu paguei no cartão, porque saúde... Apesar de que quando, quando eu cai que eu fui para Moacyr do Carmo que eu falei que dei um corte com uma semana eu estava em casa, eu fiz a minha fisioterapia no Zito aqui direto, na rua direto lá em baixo eu fiz todas as minhas fisioterapia, tinha dias que não era lá essas coisas, não media a pressão, mas deu para quebrar o meu galho, porque eu estou andando né, então a gente tem que ver o que foi bom e o que não foi né (risos)

DO: É...

MEOS: Não pode esquecer o que foi né...

DO: Sim...

MEOS: Mas eu fui bem atendida lá, mas tudo é aquilo foi porque eu fui indicada né, “Não ela caiu no posto e tem que ser atendida agora” (inaudível) ela falou porque o posto lá era alugado por Zito a minha amiga falou assim “ah, foi” quando eu cheguei lá “Mas tem que enfrentar fila” o rapaz falou assim “Foi o cabeção que mandou” o cabeção era o Zito né, era o apelido do Zito, ai eu fui atendida também eu não posso reclamar né, só tenho a agradecer eu fui atendida e eu estou aqui andando com a perninha boa, quando eu fui para lá eu estava mais fraquinha agora estou bem graças a Deus, ai é isso...

DO: Então a senhora acha que o atendimento mais rápido foi devido (interrupção)

MEOS:Ah foi, foi!

DO: a assistência do Zito?

MEOS:Foi, foi todo mundo falou, eu falei que foi quatro pessoas que estavam lá e elas foram operadas depois que eu operei, até puxou elas né, porque depois que elas falarem “ah, você não vai ser operada agora” ai depois que eu ouvi o zum zum zum eu falei assim “não, é porque eu cai no posto médico” mas também não coloquei na justiça não coloquei em nada, eu queria mesmo era a minha saúde né, porque graças a Deus eu tive, pessoas falaram que eu ia ficar tantos anos sem andar por tanto tempo com um ano eu estava andando graças a Deus... Peguei médicos bons também né

DO: Isso também é importante...

MEOS:É!

DO: E a educação? O que a senhora pensa daqui?

MEOS:Olha eu não tenho filho né, então quem ver assim as pessoas de educação assim, meus sobrinhos estudam, a Alice estuda lá em cima na Vila Operária, mas o Gabriel estuda aqui no colégio que a gente falava que era do seu Barbosa, até hoje a gente fala que é o colégio do seu Barbosa mas não tem nada haver mais, mas é aquilo né, nem muito e nem pouco tem para servir a necessidade né, ou as vezes tem pessoas crianças que as vezes é mais inteligente estuda né, outras não são não gostam de estudar ai isso é relativo né.

DO: Entendi... E a senhora lembra dos políticos que atuaram aqui na Vila Operária?

MEOS:Ah, não lembro não! Foram tantos

DO: Ou só teve um?

MEOS:Não! Tiveram muitos, muitos olha, mas eu não posso falar... Eu de politica não sei de nada, na hora de chegar ali que eu tivesse que votar eu tinha que vim o papel pegar e tudo porque na minha cabeça politica não...

DO: Nunca se ligou muito?

MEOS:Não, não nem me ligou e nem vou me ligar (risos)

DO: (risos) A senhora não lembra de quem são né, mas a senhora sabe alguma coisa importante que algum deles tenha feito?

MEOS:É dizem que o Osvaldo que melhorou né, a situação da água né diz que foi o Osvaldo que melhorou porque na época era precário mesmo...

DO: E esse Osvaldo foi o que?

MEOS:Osvaldo foi vereador ele ganhou, mas ele morreu, a senhora lembra do Osvaldo né filha? Então, diz que quem melhorou aqui de água foi o Osvaldo...

DO: Entendi... E a senhora lembra, eu não sei, mas a senhora lembra de algum partido por exemplo? Partido político por aqui.

MEOS:Ah, é muito partido e a minha cabeça é muito fraca, é muito fraca para isso, não gravo nome de ninguém, não gravo quem foi, quem é, sou muito ruim de politica, muito ruim...

DO: E porque a senhora e obstem ou você escolhe não querer saber? Tem gente que não gosta mesmo

MEOS:Não, não gosto mesmo, eu não gosto...

DO: E qual é a história da casa da senhora? Assim, quando é que foi construída, como foi...

MEOS:É eu comecei a fazer a casa quando eu fui trabalhar na Cacique de Alimentos porque eu tive um salário melhor né, eu sai do emprego ganhando \$100 na época era 100 cruzeiros né não era real, ai eu sai de lá e fui trabalhar na Cacique ganhando 350, não 325, quer dizer ai eu tive um salário ai eu comecei a comprar os materiais, ai eu comprava eu tenho um colega que faleceu em agosto do ano passado e ele que construiu nunca me cobrou nada entendeu, eu agradeço muito a ele eu gostava muito desse meu cunhado, mas ele que construiu aqui, não paguei nada, nada, ele vinha ele trabalhava em obra então ele vinha fazia uma semana um pouquinho, ai depois fazia mais um pouquinho, ai foifazendo a casa para mim...

DO: Quanto tempo assim mais ou menos?

MEOS:Ah, teve ter ficado uns anos bem (risos) não sei dizer não, mas bastante tempo!

DO: Não foi aquela construção feita de uma vez?

MEOS: Não, não nem tinha como né, não tinha como porque além de eu sustentar a minha casa, eu tinha que comprar material naquela época comprava assim pré-datado né, a gente comprava na Clebinha aqui eles parcelava para mimem cheque, porque a Cacique me pagava em cheque fazia cheque pré-datado ai fui fazendo, fazendo ai depois a minha irmã começou a trabalhar ai começou a me ajudar, ai oh daqui a uma hora vai vir um.

DO: Olha só em (risos)

MEOS: Ai eu fui fazendo e fazendo depois acabei, porque ai vai tendo mais problema na família, a família vai crescendo a gente ajudando né, mas graças a Deus eu não tenho o que reclamar não, Deus sempre foi muito bom para mim...

DO: Como é que foi o processo de compra?

MEOS: Da casa?

DO: É da construção a senhora já falou

MEOS: A compra meu pai comprou, quer dizer deve ter sido em 1953, 52 que ele comprou o terreno, o terreno ele e fez uma meada de madeira entendeu depois a meada foi se acabando, se acabando ai quando começou a fazer a obra a gente começou a morar no porão ali em baixo, até para poder a gente subir porque não tinha o barraco ficou muito ruim, porque era de madeira foi se acabando a chuva né...

DO: E teve alguma ajuda? A senhora falou do seu amigo né, mas teve alguma ajuda?

MEOS: Do meu cunhado

DO: É do seu cunhado, mas alguma ajuda de algum vizinho de algum mutirão para ajudar na casa ou não?

Maria Elena: Não, não meu cunhado mesmo, meus irmãos às vezes quando estava em casa não saia ajudava ele entendeu, mas só foi o meu cunhado mesmo...

DO: Como é a relação, eu falei de vizinho porque às vezes tem disso né, de uma pessoa que for construir a casa e o vizinho vai lá ajuda coloca a laje não sei o que, como é isso para a senhora?

MEOS: Não, assim no período da laje realmente alguém ajudou né, porque sozinho não ia, mas como eu tenho um bom relacionamento por morar aqui muitos anos ai sempre os vizinhos vinham ajudar entendeu os colegas vinham ajudar a colocar a laje não colocou tudo em um dia só entendeu, ai na época eu já trabalhava na Cacique ai comprava as coisas assim, os meus colegas iam ao ferro velho ai dizia “ah tem isso assim e assim?” ai eles iam e trazia até na Kombi da Cacique mesmo eles trouxeram para mim para botar a laje aquele negocio assim, as tabuas né?

DO: Ah sim...

MEOS: Então veio a Cacique deixou meu colega vim trazer de carro entendeu de Kombi, ai foi tudo ajudado por Deus primeiramente depois pelos amigos colegas né...

DO: Sim, o que a senhora pensa quando houve a palavra “propriedade”?

MEOS: Quando pensa?

DO: É o que a senhora pensa quando eu falo assim “propriedade” o que a senhora pensa, e o que é?

MEOS: Propriedade é o que você compra aquilo é seu... É e não é né (risos) nada é nosso nada é nosso né, só que a gente não tem que pagar um aluguel né, não tem que ficar alugando casa para lá e para casa, então é bom, é bom você ter o que é seu.

DO: Porque a senhora acha que é e não é?

MEOS: Não, eu digo por que eu estou aqui hoje amanhã eu sou né, não sou dona de nada né...

DO: É nosso por um tempo.

MEOS: É, por um tempo né, por as pessoas pegar tanto, por exemplo, tem um terreno ai não quer colocar um parente para morar, não quer dar um espaço para alguém, mas aquilo não é nosso é só enquanto estamos ali e depois não vai deixar?... Vai deixar para qualquer um (risos)

DO: Verdade!

MEOS: É...

DO: E qual é o sentido da sua propriedade para a senhora? Sua casa o que ela significa?

MEOS:Ah, significa muita coisa, é muito bom...

DO: A senhora já falou que é importante...

MEOS:É importante, para mim é muito importante que é igual emprego, eu pedi tanto a Deus e eu arranjei um emprego e trabalhei por tantos anos sem nem sair de um e ir para o outro entendeu, então a casa é assim você vem eu acho que só vou sair daqui quando eu morrer né, eu acho que também eu não posso dizer né a gente não sabe a gente não sabe de nada só quem sabe é Deus (risos)

DO: É como à senhora falou né, aprender a ser grato!

MEOS:É verdade é, porque você vem pensando nada é nosso nada nosso porque eu conheço pessoas que comprou uma casa perto de uma rede de ferroviária o governo foi chegou lá e quis aquele pedaço te indenizou lá com pouca coisa, você é dono daquilo dali? Então praticamente você comprou, mas se um dia alguém quiser te tirar vai te tirar entendeu você não é dono de nada praticamente...

DO: E a senhora acha que a Vila Operária é uma favela ou não?

MEOS:Bom, dizem que é uma favela né até hoje eu sei que é uma favela...

DO: E a senhora considera favela?

MEOS:É, porque dizem favela, é favela (risos)

DO: E o que é favela para a senhora?

MEOS:Favela é o que eles criaram né vamos supor as pessoas não têm onde morar eles dão aquilo ali e coloca favela né, é favela e isso ai vai... É isso, é um lugar igual aonde todo mundo mora todo mundo vive né, tem tanta gente boa que mora dentro de uma favela e tanto gente ruim que mora sem ser dentro da favela, concorda comigo?

DO: Pois é...

MEOS:Então, as pessoas têm manias de dizer eu fico danada quando falam isso “você parece que mora na favela” e eu digo assim “porque vocês falam isso mora na favela?” quem mora na favela às vezes é mais digno de quem não moro na favela, eu não suporto

quando fala isso, ai eu falo assim “você está parecendo mais favelado do que o favelado” eu falo, até para parente meu eu falo isso “parece que mora na favela”, o que é a favela? Favela é igual a todos os lugares né?

DO: Aham...

MEOS: Ou uma zona sul, ou Copacabana, ou Ipanema ou Leblon, a pessoa está lá “Eu moro no Leblon” “Eu moro em Copacabana” “Moro lá no Vidigal” “Moro lá perto do Hotel Nacional” é uma discriminação né, eu acho que é uma discriminação...

DO: O que a senhora acha dessa palavra “favelado” quando chamam alguém de “favelado”?

MEOS: Eu até hoje não entendo porque falam favelado, porque eles querem dizer que favelado é aquele que faz tudo de errado entendeu, é não é isso... Por isso que eu falo muita gente que mora na favela é mais digno do quem não mora, agora porque colocaram favela e o nome de favela que diz “ah parece um favelado” a criança está odo suja toda desarrumadinha “parece um favelado” não sei por que falam isso, mas falam.

DO: Te incomoda né?

MEOS: Me incomoda, me incomoda e muito...

DO: E o que significa a Vila Operária para senhora? Eu perguntei o que casa significa para a senhora e a Vila ou o Parque Felicidade da forma que a senhora entende aqui né

MEOS: É...

DO: O que significa para a senhora?

MEOS: Ah a mesma coisa, a mesma coisa...

DO: Tem uma importância para a senhora?

MEOS: Não, se eu não morasse aqui eu morasse lá seria a mesma coisa né?

DO: Aham...

MEOS: Se eu morasse lá e precisasse morar lá a mesma coisa, que diferença tem de lá para cá? Não tem!

DO: Mas a senhora tem algum sentimento de, como eu posso dizer... Tem orgulho de morar aqui ou algo assim e que seja mais sentimental do lugar?

MEOS: Não, eu gosto de morar aqui, eu gosto...

DO: E para finalizar assim a senhora tem alguma lembrança da época que a senhora morou no Cruzeiro?

MEOS: No cruzeiro?

DO: É no cruzeiro

MEOS: Cruzeiro é aqui!

DO: ah é!

MEOS: Aqui se chama cruzeiro por causa da igreja, ai tinha a cruz que eles chamavam de cruzeiro, ai eles falam praça do cruzeiro.

DO: Ata!

MEOS: Entendeu?

DO: Então o cruzeiro é essa área?

MEOS: É essa praça né, “ah, você mora aonde?” “eu moro na praça do cruzeiro!”

DO: Uhum...

MEOS: É praça do cruzeiro porque ficou essa região.

DO: Entendi...

MEOS: Porque antigamente o ônibus não ia à Vila Operária, o ônibus só vinha descia por essa rua de baixo contornava aqui nessa cruz que tem aqui e subia então depois que ele passou a ir lá em cima então a pessoa dizia “qual a referencia lá?” “você vai soltar na praça do cruzeiro” porque depois que passou a ir lá para cima, ai já sabia que desceu aqui vai para a Vila Operária, e só descer no segundo ponto e está na Vila, então a diferença é essa...

DO: E a senhora sabe a presença de algumas mulheres que tenha sido importante para a construção da Vila? Ou não sabe?

MEOS: Não, mulher não...

DO: Só homem?

MEOS: Só homem, porque o que eu saiba não...

DO: Nem esposa de alguém, nada?

MEOS: Não, não porque referencia era o seu Barbosa vereador, ele tinha a esposa dele mais eu não sei se a esposa dele né, fazia alguma coisa ou ele tivesse alguém que ajudasse a ele, eu sempre o via com pessoas homens, sempre com homens né, se tinha alguma mulher no poder essas coisas eu não sei não...

DO: E isso, a gente agradece a entrevista, foi ótimo!